

Panel 14: Complex Relationalities

Moderator: Laura J. Beard

Andrea C. Valente, York U [valent10@yorku.ca]

Autobiographical Genre in the Age of Complexity: A Case Study of Neuro-Autobiographies

This presentation aims to explore the autobiographical genre under the lenses of an emergent interdisciplinary methodology known as ‘complexity theory’ (Waldrop 1992; Jörg 2011; Wells 2013) in order to provide new insights into non-linear interactions between an autobiographical ‘self’ and its environment. The autobiographical genre gained propulsion during the Enlightenment period as historical men influenced by Newtonian thinking recorded their life reflections and accomplishments (Kadar 1992; Anderson 2011). Since then, autobiographical genre has evolved, becoming more diverse and gendered, including ordinary people’s life stories and voices that are translated and (self)-narrated (Bruner 1987; Smith & Watson 2009). Moreover, the 21st century autobiographical accounts use a variety of media platforms, producing a ‘networked self’ (Jolly 2012) that designs narratives of performance that reverberates experiential stories, as nodes of relationality and intertextuality emerge organically in the public sphere. Hence, autobiographies become complex, undetermined, non-linear and flexible. In this view, I argue that autobiography shifts from a genre to a self-organization model with its sub-types featuring complexity and hybridity. As consequence, the autobiographical ‘self’ also becomes a complex entity. To illustrate this discussion, this presentation focuses on autobiographies of women with brain disorders, to which I use the term ‘neuro-autobiography’. I examine the case of Jill Bolte Taylor, a neuroscientist who survived a stroke as a young woman. She narrates and performs her story through different media formats such as a published autobiography and a TED Talk video in the internet. I study how the autobiographical self shifts into an agent category that becomes self-organized and interacts with other agents and actants, that is, humans and objects. Furthermore, I discuss interconnectivity and intertextuality as important nodes in a rhetorical ecology that allows the autobiographical agent to engage and act/react from within outward.

Anderson, Linda. *Autobiography*. 2nd ed. London and New York: Routledge, 2011. Print.

Bruner, Jerome. “Life as Narrative.” *Social Research* 54.1 (1987): 11–32. Print.

Jolly, Margaretta. “Oral History, life history, life writing: The logic of convergence.” *Centre for Research in Memory, Narratives and Histories*. Brighton: University of Brighton, 2012. Online.

Jörg, Ton. *New Thinking in Complexity for the Social Sciences and Humanities: A Generative, Transdisciplinary Approach*. Dordrecht: Springer Science & Business Media B.V, 2011. Online.

Kadar, Marlene. “Coming to Terms: Life Writing - from Genre to Critical Practice.” *Essays on Life Writing from Genre to Critical Practice*. Ed. Marlene Kadar. Toronto, Ont.: University of Toronto Press, 1992. 3–16.

Smith and Watson. (2009) “New Genre, New Subjects: Women, Gender and Autobiography after 2000”. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*. 58; April 2009, pp. 13-40. Online.

Waldrop, M M. *Complexity: The Emerging Science at the Edge of Order and Chaos*. New York: Simon & Schuster, 1992. Print.

Wells, Jennifer. *Complexity and Sustainability*. London: Routledge, 2013. Print.

Gênero autobiográfico na idade da complexidade: um estudo de caso de neuroautobiografias

Esta apresentação objetiva explorar o gênero autobiográfico sob as lentes de uma emergente metodologia interdisciplinar conhecida como “teoria da complexidade” (Waldrop 1992; Jörg 2011; Wells 2013) para conceder novas ideias sobre interações não lineares entre um ser autobiográfico e seu ambiente.

O gênero autobiográfico ganhou propulsão durante o Iluminismo, uma vez que homens históricos influenciados pelo pensamento newtoniano registraram suas reflexões e conquistas na vida (Kadar 1992; Anderson 2011). Desde então, o gênero autobiográfico tem evoluído, tornando-se mais diverso em gênero, incluindo histórias de vida de pessoas comuns e vozes que são traduzidas e (auto)narradas (Bruner 1987; Smith & Watson 2009). Além disso, os contos autobiográficos do século XXI usam uma variedade de plataformas midiáticas, produzindo uma “rede própria” (Jolly 2012) que designa narrativas de performance que reverberam histórias experimentais, como nós de relacionalidade e intertextualidade que emergem organicamente na esfera pública. Consequentemente, autobiografias tornam-se complexas, indeterminadas, não lineares e flexíveis. Nesta visão, discuto que autobiografia muda de um gênero para um modelo de auto-organização com seus subtipos apresentando complexidade e hibridismo. Como uma consequência, o “eu” autobiográfico se torna uma entidade complexa.

Para ilustrar essa discussão, essa apresentação foca nas autobiografias de mulheres com distúrbios cerebrais, para as quais utilizarei o termo “neuroautobiografia”. Examino o caso de Jill Bolte Taylor¹, uma neurocientista que sobreviveu a um derrame quando era jovem. Ela narra e performa sua história através de diferentes formatos midiáticos, como uma autobiografia publicada e como um vídeo de TED Talk na internet. Estudo como a autobiografia se automodifica para uma categoria agente que se torna auto-organizada e interage com outros agentes e atores, isto é, humanos e objetos. Ademais, discuto interconectividade e intertextualidade como nós importantes na ecologia retórica que permitem que o agente autobiográfico se empenhe e aja/reaça de dentro para fora.

[Traduzido por Juliana Geizy Marques de Souza - julianamrqs0@gmail.com]

Andrea C. Valente is a PhD Candidate in Humanities at York University, writing her dissertation

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

at the intersection of humanities and sciences by examining the vernacularization of neuroscience through autobiographies of women with brain disorders and internet advertising of brain wearables for healthy population. She holds an MA in Humanities (York) and Applied Linguistics (UFRJ). She has been a TA at York University since 2011, and for the past three years she has been involved in educational development as a Tutor at the Teaching Commons

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

(York), where she mainly mentors graduate students, designs and facilitates educational workshops.